

Ensaio

DA INTERPRETAÇÃO HEGELIANA SOBRE A PROVA ONTOLÓGICA DA EXISTÊNCIA DE DEUS APRESENTADA POR ANSELMO DE CANTUÁRIA

Caio César Costa Santos¹

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS)/Instituto Gaio de Ensino Superior, Lagarto – Sergipe/Brasil

Resumo

Em suma, o que será apresentado neste ensaio é o nosso comentário sobre o comentário de Hegel sobre a prova ontológica de Anselmo – quando diz que – “Deus é o sumo conjunto de todas as realidades” – ou que – “Deus é o mais perfeito”. No entanto, nos detemos mais em um ponto: a relação de identidade entre “conceito” e “ser”; ponto este que é o mais evidente no comentário hegeliano. Nosso método é o fenomenológico. E a nossa conclusão a que chegamos é que o “pensar em Deus” deve seguir uma ordem lógica de apreensão e também de interpretação dentro das acepções ontológicas de “conceito” e “ser”.

Palavras-chave: Hegel. Prova ontológica. Existência. Deus. Anselmo.

On the Hegelian interpretation of the Ontological Proof God's Existence presented by Anselmo de Cantuária

In short, what will be presented in this essay is our commentary on Hegel's commentary on Anselm's ontological proof – when he says that – “God is the supreme totality of all realities” – or that – “God is the most perfect”. However, we focus more on one point: the relationship of identity between “concept” and “being”; a point that is most evident in Hegel's commentary. Our method is phenomenological. And our conclusion is that “thinking about God” must follow a logical order of apprehension and interpretation within the ontological meanings of “concept” and “being”.

Keywords: Hegel. Ontological proof. Existence. God. Anselm.

Sobre la interpretación Hegeliana de la Prueba Ontológica de la Existencia de Dios Presentada por Anselmo De Cantuária

En resumen, lo que se presentará en este ensayo es nuestro comentario sobre el comentario de Hegel a la prueba ontológica de Anselmo – cuando afirma que – “Dios es la totalidad suprema de todas las realidades” – o que – “Dios es el más perfecto”. Sin embargo, nos centramos más en un punto: la relación de identidad entre “concepto” y “ser”, un punto que se evidencia especialmente en el comentario de Hegel. Nuestro método es fenomenológico. Y nuestra conclusión es que “pensar en Dios” debe seguir un orden lógico de apreensión e interpretación dentro de los significados ontológicos de “concepto” y “ser”.

Palabras clave: Hegel. Prueba ontológica. Existencia. Dios. Anselmo.

Este nosso ensaio¹ reflete de alguma maneira o ponto de vista de Hegel ao tratar de filosofia da religião em um texto específico de seus últimos cursos, a saber, *Exposição da prova ontológica nas Lições da filosofia da religião de 1831*. Por se tratar de um texto complexo, tentamos de alguma forma se aproximar daquilo que Hegel apresenta. Na prova ontológica de Anselmo de Cantuária (1033-1109), Anselmo afirma categoricamente – “Deus é o sumo conjunto das realidades”, ou seja, na mesma linha de raciocínio, “Deus seria a Pura Vitalidade”. É, portanto, no interior desta afirmação um tanto complexa, que Hegel, na contramão do sentido, ou seja, no despertar da dialética, que ele irá tecer algumas palavras em torno desta prova ontológica. Na verdade, de um modo bem sumário, Hegel quer nos apresentar aqui um dos conceitos abstratos de Deus na esfera da religião revelada, como bem ele diz. Com este sentido, afirma Hegel que é na “identidade” entre “conceito” e “ser” que será possível dizer algo sobre a “vitalidade de Deus”. No primeiro contato, o que nós poderíamos entender do termo “vitalidade de Deus”? No sentido que Hegel nos apresenta, seria talvez o modo de como Deus se *revela* para nós; não apenas de modo “abstrato”, mas “concreto”. Desde a *Ciência da Lógica*, no vol. 1, Hegel ([1812] 2021) parte de uma *pura abstração* ou uma *pura idealidade* para no terceiro volume da *Lógica*, chegar a talvez os índices de concretude. Nossa percepção de quando iniciamos na leitura da *Lógica* é ver como a mente de Hegel, na sua abstração característica, consegue até, do início ao fim, uma ordem quase que absolutamente *simétrica*. Queremos dizer com isto que Hegel desliza numa escrita “fluida”, apesar de “abstrata”, mas, que, no universo dos opostos, o “ser” de um lado e o “conceito” de outro, ir clareando ou iluminando o leitor no objetivo pretendido e/ou pressuposto. Com isto, a escrita hegeliana, nesta *Prova*, se assemelha ao subterrâneo de um riacho quando este é iluminado pelos raios de sol, o seu fundo obscuro toma-se uma tonalidade de *clareza* no momento em que se aproxima do *aspecto concreto do ser*. Assim, é dentro desta organização até simétrica que Hegel faz o seu comentário com relação à prova ontológica da existência de Deus de Anselmo.

Nesta exposição, Hegel (2024) nos apresenta como ele próprio diz – “a prova ontológica do ser-ai de Deus”. À primeira vista, Deus, como sumo conjunto de todas as realidades, seria também um “ser-ai”? Seria o contrário, o que Hegel quer nos mostrar deste seu objetivo é que ele, na sintonia dos opostos entre “conceito” e “ser”, apresenta um comentário dizendo que o “ser” só seria possível apreender Deus junto ao “conceito”. Ele mesmo diz – “O ser em que não está o conceito é carente de conceito. Essa oposição que cai na finitude não pode de modo algum, ter lugar no infinito, Deus” (p. 130). Neste sentido, Spinoza ([1677] (2009)) na *Ética*, deixa-nos claro que: “por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. Assim, sendo Deus para Anselmo, “o sumo conjunto de todas as realidades” que, de modo seguinte, São Tomás de Aquino irá supor quase a mesma coisa, fica patente para nós que Deus é *o Infinito por excelência*. Que, na modernidade, Kierkegaard vai dizer com outros termos; ele fala de uma “infinitude de Deus” para falar da “infinitude das coisas criadas e/ou divinas”.

Numa parte do comentário hegeliano à Prova, ele nos diz – “temos aqui a concreta representação de Deus como “representação” do espírito”. Durante o percurso do raciocínio de Hegel, ao nosso ver, ele tenta dizer que o conceito abstrato de Deus só pode ser “apreendido” no “diferenciar-se”, ou seja, “em todo o índice de mudança que existe na diferença entre ‘conceito’ e ‘ser’”. De um lado, temos o “ser” que, para Hegel, é o “material de realização do conceito de Deus” e, do outro lado, temos o “conceito” que, sendo o “ser-por-si-mesmo”, ou seja, tomado *em si e para si*, é, no mais, *pura idealidade*. Pelo que nós entendemos, o despertar do “conceito” acontece quando este é associado ou tomado pelo “ser”. Hegel mesmo afirma algo parecido quando diz – “Conceito” e “ser-ai” são uma identidade, logo, algo subjetivo”. Neste sentido, ao nosso ver, o conceito puro seria uma “pura virtualidade” enquanto que o “ser” seria uma “pura subjetividade”. Por outro lado, quando o “conceito” é tomado pelo “ser”, no ponto de vista de Hegel, se torna uma subjetividade ou, com outras palavras, algo “concreto”. Então, segundo Hegel, para que se prove a existência do conceito abstrato de Deus, ou melhor, a representação concreta do conceito de Deus, torna-se necessário, como fundamento primeiro, um “espírito finito”. Assim, esta “finitude” surge então quando o *representar* Deus como um “conceito” advém de uma “consciência e/ou alma finita”.

¹ Previamente publicado, como forma de auto publicação, em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13823366>

Neste texto em particular, Hegel diz que deve-se “superar a unilateralidade do conceito”, ou seja, o conceito sendo o “ser-por-si-mesmo”, ou seja, sem uma dada “consciência e/ou espírito finito” não pode representar ou mesmo interrogar, refletindo, sobre a existência de Deus porque, ao nosso ver, o *conceito puro* é somente *pura abstração* ou mesmo um conceito vazio de *determinidade*; o que quer dizer que na “pura vacuidade” que é o conceito por ele mesmo, não será possível dizer *algo* sobre Deus. Em contrapartida, será o “conceito” a forma “substancial” que dará forma à representação do ser-aí de Deus através da concretude da consciência e/ou espírito finito. Sendo Deus o Infinito por excelência, somente partindo do ser-aí para conhecer Deus não será possível porque o ser-aí necessita de modo fundamental do “conceito” para “representar” na finitude de sua consciência finita a aparência ou o “ser-aí” de Deus. Hegel afirma “o conceito é, sem o ser, algo unilateral e falso”. O que para nós quer dizer algo mais ou menos assim – “a prova da existência de Deus só pode ser tomada de modo afirmativo e, assim, no vislumbre desta ‘verdade’, a verdade que é Deus só poderia ser manifestada por um espírito também *eterno e infinito*”. Ora, sendo Deus o Infinito e sendo o espírito do ser-aí algo finito, não seria possível, pois, apreender Deus de modo concreto.

Assim, a transparência e/ou a clareza sobre Deus, no espírito finito, não podem tomar o conceito concreto de Deus ou, com outras palavras, realizar uma representação concreta do que seja a existência de Deus. Mesmo assim, ou seja, mesmo o ser-aí como espírito finito esteja muito longe, ou seja, impossível para ele, mesmo com o conceito, “apreender” Deus, esta identidade do “conceito” com o “ser” pode produzir conjecturas e/ou suposições, falsas ou não, da prova da existência de Deus. Talvez, aqui, Hegel queira nos mostrar, mesmo ainda de modo imperfeito, que o “ser” como *imediatidade pura e contingência pura* pode, com o “conceito”, abstrair ao menos, de modo aproximado, aquilo que poderia ser Deus. Porque sendo o “ser”, no caso o “ser-aí”, também uma criação do conceito de Deus, junto ao “conceito”, ou seja, o “entendimento” ou o “pensar intuitivamente”, ainda será possível pensar “Deus” porque “ser” equivale à *determinidade e/ou determinação* e “conceito” equivale à *relação de consigo para consigo*, ou seja, *pura vacuidade*. Por outro lado, é o “ser” como “determinidade” que determina ou afirma o “conceito”, passando, então, de um conceito *abstrato* para algo mais *concreto*.

Assim para Hegel, “devemos superar o finito” no sentido de que sem a determinação do “ser”, a “representação” sobre a existência de Deus se tornará “falha” ou “falsa” porque, de um lado, “ser” por ele mesmo é idêntico consigo e, por outro lado, o “conceito” por ele mesmo é também *para si e em si*. Logo, o “ser” não é “ser” sem o “conceito”, como também o “conceito” não é “conceito” sem o “ser”. Se segundo Hegel só é possível apreender Deus de modo *afirmativo e/ou subjetivo*, então, o caminho será a pura identidade entre “ser” e “conceito”. Logo, ainda para Hegel, é somente nesta “identidade” que será possível apreender a “vitalidade de Deus”. Porque se por um lado Deus é *vivo*, então, é “ser-aí”; Ele não é mais um *Nada Puro*, mas uma *Pura Autodeterminação* porque Deus, para existir, não depende de nenhuma identidade, externa ou interna, porque Deus é, em suma, *Deus*. Deus é, assim, para Anselmo, o *mais perfeito*. Logo, se formos partir do “ser” como pura imediatidade, ele por ele mesmo, na relação consigo, não pode jamais apreender ou representar Deus porque ele é *pura contingência*. E, por outro lado, se formos do “ser” para o “conceito”, encontraremos o *nada absoluto*. Logo, fenomenologicamente falando, o “ser” por ele mesmo não passa de uma atividade de *propriocepção*, como também o mesmo é com o “conceito”.

Com isto, pelo que nós entendemos, é somente na relação do *para-outro* que a “unidade” de “ser” mais “conceito” possibilitará uma *possibilidade* de ao menos conjecturar aquilo que seja a prova da existência de Deus. Porque sem o “conceito” não é possível o “pensar”, como também na mesma medida, sem o “ser” não é possível “determinar” quem é Deus. Contudo, apesar de Deus ser “omnisciente”, ou seja, o “sumo conjunto de todas as realidades”, pelo “conceito” mais o “ser”, ou seja, de um lado, a doação do conceito abstrato do pensar (conceito) e de outro a doação da parte concreta deste “pensar” (ser), tornar-se-á possível *supor* a existência de Deus, mesmo Ele sendo o *Puro Transcendente*, ou seja, o *Algo Maior* ou *O mais Perfeito*. De algum modo, aqui, Hegel salienta que a sua interpretação da prova ontológica de Anselmo está no contexto de uma religião revelada, ou seja, nas palavras de Hegel, “o *diferenciar-se* é precisamente isto que: Deus é o ‘revelado’”. Ainda segundo Hegel, “o conceito é esta atividade de pôr eternamente o ser idêntico consigo”, ou seja, é o “conceito” que

forneceria a possibilidade do “ser” entrar de modo efetivo na relação consigo e é nesta relação consigo do “ser” pelo “conceito” que se pode chegar ou tomar de modo afirmativo e/ou subjetivo a existência ou não de Deus. Pois, como Hegel diz, tudo se passa como uma “revelação”, o Deus revelado se mostra ou se revela para nós na sua também imediatidade porque, como na *Lógica*, vol. 1, Deus seria a “pura imediatidade”, no entanto, no confronto de sua determinidade com a determinidade do “ser” junto ao “conceito”, torna-se possível *pensar* Deus.

Apresentamos nossa opinião sobre este comentário de Hegel à *Prova* de Anselmo. Estamos infinitamente muito longe de alcançar a determinidade da intuição hegeliana, pois a nossa opinião é ainda muito tímida. Contudo, tentamos de alguma forma tornar o comentário de Hegel um pouco mais palpável mesmo que a nossa interpretação possa se passar como falha. Assim, nossa conclusão para este comentário de Hegel é que: “não é possível chegar a Deus ou apreender Deus pelo mero entendimento (ou mero ‘pensar’), pois o ‘pensamento’ (ou o ‘ser’) junto ao conceito é meramente um *espírito finito* ou uma *pura finitude*, logo, tal *conceito* cairá numa pura abstração ou numa pura idealidade, necessariamente *especulativa*. Afim de concluir podemos dizer: aqui nada se provou, mas apenas tomou-se a existência de Deus como *uma mera especulação*.”

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. **Ciência da lógica**: a doutrina do ser. Petrópolis: Vozes, 2021.

HEGEL, G. Apresentação à tradução da “exposição da prova ontológica nas lições da filosofia da religião de 1831 de Hegel”. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**. ano 21, n. 37, p. 124-128, 2024.

SPINOZA, B. **Ética**. São Paulo: Autêntica, 2009.

Sobre o autor

Caio César Costa Santos  
cesarinmind@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe (UFS)/Instituto Gaio de Ensino Superior, Lagarto - Sergipe/Brasil